

A DEPRESSÃO E SUA INCIDÊNCIA EM UM GRUPO DE IDOSOS ATIVOS: UM ESTUDO DE CAMPO

Kelton Dantas Pereira¹; Hugo Leonardo Alves
da Silva²; Danilo Ventura Oliveira³; Raissa
Leite Costa ⁴ Rachel Cavalcanti Fonseca
Pereira ⁵

*Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba
(FCM/PB), cienciasmedicas@cienciasmedicas.com.br*

INTRODUÇÃO: O envelhecimento deve ser entendido como uma etapa fisiológica a qual o organismo passa por alterações nas quais estas contribuem para a redução da capacidade de realização de atividades que antes eram desenvolvidas com êxito assim como os diversos fatores que nele influenciam a exemplo de comorbidades além de fatores como estresse familiar, solidão e desinteresse (FERRARI; DALACORTE, 2007).

Dentre esses, os transtornos de ordem psicológica - a exemplo da depressão: patologia mais frequente na terceira idade, com maiores índices de morbidade e mortalidade (PARADELA; LOURENÇO; VERAS, 2005), e que influi diretamente sobre todos os aspectos da vida do idoso manifestando-se de maneira inespecífica incluindo desde a labilidade do humor até

quadros de isolamento (FERRARI; DALACORTE, 2007).

O distúrbio é apontado como o principal causador e desencadeador de quadros que necessitam de investigação e maior atenção ao idoso, e nem sempre vem acompanhado de humor deprimido ou tristeza, revelando uma dificuldade em verbalizar esses sentimentos e expondo, portanto, sua dificuldade diagnóstica e avaliação. A apresentação da doença, portanto, nem sempre mostra um quadro clássico, podendo manifestar-se até mesmo como um déficit cognitivo (FERRARI; DALACORTE, 2007).

Apesar dos frequentes estudos, ainda é errônea a atribuição feita da depressão ao processo de envelhecimento fisiológico do idoso, afirmando que ambos os processos ocorrem de forma dependente (FERRARI; DALACORTE, 2007). É importante ainda considerar a quantidade de tratamentos e medicamentos os quais os idosos se submetem, podendo ainda mais mascarar o quadro e dificultar seu esclarecimento. A quantidade de sintomas físicos e emocionais aliados aos depressivos traz um maior interesse pelo lado do profissional de saúde que o aborda em tentar ajudá-lo frente a sua posição.

Entender este tipo de patologia é, então, fundamental no trabalho com idosos, pois a

doença mostra-se muito recorrente e é apontada como uma das principais que contribuem para a perda de autonomia destes e, por isso, merece um estudo aprofundado. Frente a essa dificuldade diagnóstica, incluir uma avaliação sistemática dos idosos ativos torna-se o meio mais viável de entender a frequência dessa patologia e buscar meios de diagnosticá-la.

O uso da Escala de Depressão Geriátrica (EDG) é bastante utilizado na busca para o rastreamento da depressão nos idosos e possui uma gama de vantagens, dentre elas, a fácil compreensão dos quesitos assim como pode ser auto aplicada ou contar com o auxílio de um aplicador. Além disso, conta com boa sensibilidade, especificidade e confiabilidade, sendo utilizada em muitos dos serviços de saúde que hoje trabalham, diariamente, com idosos (PARADELA; LOURENÇO; VERAS, 2005). Em face do contexto, o uso da escala de depressão geriátrica tem sido bastante útil na análise desta temática. É importante ressaltar que a qualidade de vida dessas pessoas deve ser mantida de modo que eles consigam praticar sua rotina e sejam capazes de manter sua própria autonomia tanto psíquica quanto motora.

Dessa forma, o objetivo do estudo foi analisar a incidência de depressão em um

grupo de idosos ativos, através do uso da EDG.

METODOLOGIA: Pesquisa de caráter descritivo e exploratório com abordagem quantitativa. O estudo foi realizado na clínica escola de fisioterapia da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, município de João Pessoa, com 17 idosos que participam do projeto interdisciplinar de pesquisa intitulado: Análise dos indicadores associados ao envelhecimento bem sucedido. O instrumento utilizado na coleta de dados foi a Escala de Depressão Geriátrica (EDG), proposta por Yesavage, amplamente utilizada e validada como meio de diagnóstico e depressão em pacientes idosos (SOUSA, *et al.*, 2007) e foi aplicada pelos estudantes envolvidos no projeto de pesquisa: composta por 15 perguntas afirmativas e negativas de fácil compreensão, na qual o resultado de cinco ou mais pontos diagnostica depressão, sendo que o escore igual ou maior que 11, caracteriza depressão grave (FERRARI; DALACORTE, 2007). A análise foi realizada através da estatística simples descritiva por meio do cálculo da média e percentagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Foram incluídos na amostra 17 idosos, tendo predominância o sexo feminino – o quadro é explicado, sobretudo, porque as mulheres constituem a maioria da população e esta

parcela tende ao envelhecimento, um fenômeno demográfico recente, além de que as mulheres cuidam mais de si próprias do que os próprios homens (SALGADO, 2002) - com 13 mulheres (76,4%) e 4 homens (23,6%), que encontram-se na faixa etária dos 51 aos 76 anos, possuindo média de idade aos 65,7 anos (Tabela 1).

Tabela 1 – Faixa etária dos idosos no grupo.

CATEGORIA	F(%)
51-60 anos	11,76%
61-70 anos	52,94%
> 70 anos	35,29%

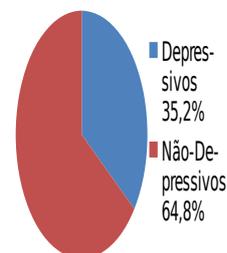
Quanto a pontuação da Escala de Depressão Geriátrica, observou-se que seis idosos foram classificados como depressivos, apresentando um total de 5 ou mais pontos, perfazendo o total de 35,2%, com uma média de 4,6 pontos na Escala, sendo a contagem variando de, no mínimo 2 e, no máximo, 12 pontos (Tabela 2). Os demais, que correspondem a 64,8%, não foram considerados depressivos, tendo em vista que seu escore variou entre 2 e 5 pontos. O gráfico 1 expõe o percentual de idosos considerados depressivos, de acordo com o instrumento utilizado.

Tabela 2 - Pontos obtidos pelos idosos na Escala de Depressão Geriátrica (EDG).

NÚMERO DE IDOSOS	PONTUAÇÃO
2	2
5	3
4	4
2	5
2	6
1	10
1	12

Gráfico 1 – Percentual de depressão em um grupo de idosos ativos.

Percentual de idosos depressivos em um grupo de idosos ativos



Dessa forma, tende-se a perceber que o quadro de sugestão para a depressão é presente em alguns dos idosos que participam das atividades do projeto, necessitando, portanto, de uma avaliação mais específica por parte de outros profissionais. Esta patologia é uma condição que, por si só, vem adjunta às demais alterações as quais o organismo do idoso passa quando se atinge a idade senil, as quais interferem diretamente a

qualidade de vida e a funcionalidade desta população, além de acarretar prejuízos ao seu desempenho social. (GARCIA *et al*, 2006)

Uma série de distúrbios psico afetivos margeia a depressão e esses são responsáveis pela condição de solidão e tristeza a que eles passam a se submeterem quando atingem a maior idade. Por outro lado, a maioria do grupo (64,8%), frente aos dados obtidos com o uso da escala, mostra-se ainda capaz de se envolver emocionalmente e é capaz de se relacionarem com o mundo ao seu redor e a vida, assim como manterem interesse em realizar atividades que vão além do seu ambiente familiar, como frequentar grupos de convivência, por exemplo. Isso nos permite afirmar que, apesar da frequência de idosos que são depressivos e que, devido a isso, tornam-se totalmente dependentes de cuidadores ou familiares para realizar suas atividades da vida cotidiana, muitos deles ainda sabem como ter um envelhecimento de qualidade e saudável, visando à longevidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Frente ao tema proposto, é importante ressaltar que os idosos sejam abordados de forma interdisciplinar, incluindo os instrumentos para avaliá-los de forma integral e assim ceder a assistência necessária para garantir sua integridade tanto física, quanto psicológica.

O cuidado com a saúde do idoso faz-se indispensável frente a crescente taxa de envelhecimento populacional e, por isso, deve-se garantir que este seja estabelecido de forma saudável. Tomando essas medidas, busca-se o aumento de sua longevidade e maior satisfação com a vida, frente ao quadro de inúmeros problemas com os quais eles lidam diariamente.

A busca pela abordagem do paciente depressivo é, portanto, um elemento essencial, sobretudo porque a doença em questão manifesta-se sobre uma forma multifatorial, acometendo fatores psicológicos e afetivos do paciente e, frente a isto, profissionais de saúde precisam saber lidar com seu correto diagnóstico e tratamento.

O trabalho com a Escala de Depressão Geriátrica (EDG) mostrou uma boa sensibilidade para com a análise da incidência de depressão na amostra dos idosos, junto aos aspectos clínicos os quais eles demonstravam durante o interrogatório da escala, como medo e desinteresse por novas atividades, requerendo, portanto, maior atenção.

REFERÊNCIAS

1. FERRARI, J. F.; DALACORTE, R. R. Uso da escala de depressão geriátrica de Yesavage para avaliar a prevalência de depressão em idosos

- hospitalizados. **Revista Scientia Medica**, v. 17, n. 1, p 3-8, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scientiamedica/article/viewFile/1597/1837>. Acesso em: 10 de ago.2016.
2. PARADELA, E. M. P.; LOURENÇO, R. A.; VERAS, R.P. Validação da escala de depressão geriátrica em um ambulatório geral. **Revista Saúde Pública**, v. 39, n. 6, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000600008. Acesso em: 10 de ago.2016.
3. SOUSA, R. *et al.* Validade e fidedignidade da Escala de Depressão Geriátrica na identificação de idosos deprimidos em um hospital geral. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, n. 56, v. 2, p 102-107, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v56n2/a05v56n2.pdf>>. Acesso em: 10 de ago. 2016.
4. SALGADO, C. D. S. MULHER IDOSA: feminização da velhice. **Estudo interdisciplinar envelhecimento**, v. 4, p 7 -19, 2002. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4716/2642>. Acesso em: 13 de ago. 2016.
5. GARCIA *et al.* A depressão e o processo de envelhecimento. **Ciências & cognição**, v. 7, p 111-121, 2006. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/551/338>. Acesso em: 13 de ago. 2016.